

VILÉM FLUSSER / A pele.

Atlas da pele? Existe, (por exemplo o de Jacobi.) É texto que trata de dermatologia. E dermatologia é disciplina que trata das doenças da pele. Mas isto não basta. Precisamos de uma dermatologia mais ampla, uma que seja ciência da pele enquanto fronteira entre mim e o mundo. E de um atlas que contenha mapas de tal fronteira. Possivelmente um atlas assim ilustraria, ele também, doenças da pele. Mas com significado diferente do existente. "Doença da pele" seria, possivelmente, em tal atlas, sinónimo de "cultura". Precisamos de dermatologia que seja uma antropologia, e de um atlas da pele que seja atlas do estar-no-mundo humano.

Para que tal ciência e tal atlas surjam, devemos mudar de atitude. Devemos olhar, sentir e pensar superficialmente, e deixar de fazê-lo em profundidade. As superfícies, e não os pretensos mistérios que elas pretensamente encobrem, devem interessar-nos. Devemos contentar-nos com a aparência das coisas, e abrir mão da sua pretensa "realidade", (coisidade). Devemos concentrar nossa atenção exclusivamente sobre o que aparece, (phainomenon), e pôr entre parentese tudo que cremos saber a respeito daquilo que a aparência esconde. Devemos fazer fenomenologia enquanto disciplina da superficialidade. Sómente depois de assumida atitude assim, depois de abandonada a busca de explicações e significados, se tornará visível a pele. Este ensaio se quer "louvor da superficialidade". Que vivam as aparências, e que tudo mais vá pr'o inferno!

O mistério não está escondido: está na cara. E não apenas na cara: está na superfície tóda do corpo. Está na pele. A flôr da pele. "Não como a pele é é o mistério, mas que ela seja." Tal mistério não está "encoberto", mas está sendo desconversado. Por conversa fiada que trata da dicotomia "corpo - alma", de "mundo em si - mundo para mim", de "subjetividade - objetividade", em suma de "eu - mundo". O mistério não é que a pele é mediação entre mim e o mundo. O mistério é que a pele tem horizonte externo, (extrapolável sob denominação "mundo"), e horizonte interno, (extrapolável sob denominação "eu"). O mistério não é que pela pele transitam mundo e eu. O mistério é que o trânsito que é a pele. O mistério não é que eu seja não que o mundo seja, mas que eu esteja no mundo: a pele. Eu sou explicável, e o mundo é explicável. O meu estar-no-mundo é inexplicável, porque é um dado concreto. A pele é inexplicável. Diante a superficialidade concreta da pele entidades abstratas como "eu" e "mundo" mostram o que são: extrapolações teóricas da pele. Teóricamente a pele é o limite entre mim e o mundo. Concretamente "eu" e "mundo" são limites da pele. Pensemos concretamente. Pensemos o mistério do concreto.

VILÉM FLUSSER

Concretamente a pele não é superfície que cobre meu corpo. Tal visão "dermatológica" da pele é resultado de ponto de vista extremado. Tenho a curiosa e problemática capacidade de sair de mim próprio e vêr-me de fóra com um olhar teóricu, e em tal éxtase vejo-me corpo coberto de pele. Não deve ser desprezado tal ponto de vista, mas não serve de ponto de partida para considerações concretas. Concretamente a pele é a superfície na qual tudo acontece. Posso distinguir entre vários tipos de acontecimentos, e posso fazer tal distinção com critérios diferentes. Por exemplo: posso dividir os acontecimentos em prazerosos e dolorosos. Sob tal critério a pele será a superfície na qual as "vivências" acontecem. (Tôda ela é "erotógena" ou "patógena" conforme o dado.) Ou por exemplo: posso dividir os acontecimentos em ativos e passivos. Sob tal critério a pele será a superfície na qual eu aconteço ao mundo e o mundo a mim acontece. Há outros critérios possíveis. Tôdos devem ser explorados. O presente ensaio se concentrará sôbre o segundo. Mas deve primeiro tentar eliminar objeção possível.

Parece que, concretamente, existem acontecimentos fóra da pele. São de duas classes. A primeira é a classe dos acontecimentos "externos" que não atingem minha pele. A segunda é a classe dos acontecimentos "mentais" que ocorrem no "interior" do espaço delimitado pela pele. A primeira classe não inclui os acontecimentos dos quais tenho notícia indireta. Porque a notícia indireta, esta sim, atinge a pele. Restringe-se tal classe a acontecimentos dos quais não tenho notícia alguma. Pode ser desprezada. A segunda classe não pode ser desprezada com igual facilidade. (Não existe paralelismo fácil entre "eu" e "mundo" da dicotomia clássica, e a balança pende para o lado "idealismo".) Mas embora não possa ser facilmente desprezada tal classe de acontecimentos, embora tôdo empirismo enquanto captação do concreto tenda para o idealismo, tal classe de acontecimentos pode ser suspensa. Na esperança de poder ser retomada num futuro longínquo do argumento.

A pele enquanto superfície na qual eu aconteço ao mundo e o mundo acontece a mim é fenômeno dinamicamente pulsante. Estende-se e contrai-se no espaço e no tempo. É um "space-time continuum", embora jamais perca o seu caráter de superficialidade, de bi-dimensionalidade. São as duas dimensões do plano que pulsam na terceira dimensão do espaço e na dimensão do tempo. E a pele não é superfície compacta. Tem brechas mais ou menos permanentes, e outras que se abrem e fecham esporadicamente. Exemplos do primeiro tipo de brecha são a bôca e os olhos. Exemplo do segundo tipo de brecha são feridas. Mas, afim de eliminar o grave problema da "abertura", tais brechas podem ser consideradas, provisóriamente, curvaturas da pele, rugas abissais, crateras.

A pele considerada assim é permeável: absorve e secreta. O absorvido é potencial antes de ser absorvido, e realiza-se apenas enquanto absorvido.

VILÉM FLUSSER

O conjunto das influências potencialmente absorvíveis forma o horizonte externo da pele e perfaz "meu futuro". Tôda influência virtual é uma possível "aventura". O conjunto das influências em processo de absorção forma um aspecto da dinâmica da pele e perfaz "minha presença passiva no mundo", ou "o mundo dado para mim", (as duas expressões significam o mesmo dado concreto). Tôda influência em processo de absorção é "fenômeno concreto". O conjunto das influências absorvidas forma o horizonte interno da pele e perfaz "meu passado". Tôda influência absorvida é cicatriz que pode ser chamada "experiência memorizada".

A secreção é potencial antes de ser secretada, e realiza-se apenas quando secretada. O conjunto das efluências potencialmente secretáveis forma a pressão que infla a pele e perfaz "minha liberdade". Tôda efluência virtual é minha "decisão". O conjunto das efluências em processo de secreção forma outro aspecto da dinâmica da pele e perfaz "minha presença ativa no mundo" ou "o mundo a ser por mim modificado", (as duas expressões significam o mesmo dado concreto). Tôda efluência em processo de secreção é um ~~fato~~ fato concreto". O conjunto das efluências secretadas forma protuberâncias da pele e perfaz "meus feitos". Tôda efluência secretada é órgão nôvo da pele, ("instrumento"), aumenta a sua superfície, e pode ser chamada "minha obra".

A pele, vista assim como superfície concreta localizada entre "futuro" e "passado" e entre "liberdade" e "feito", isto é: entre virtualidades que nela se realizam, revela limites do virtual, portanto do realizável. Do lado "futuro" e "feito", (regiões que aparecem sobrepostas), aparece como limite "minha morte". "Minha morte" é a região não absorvível nem modificável pela pele. Concretamente: não existe. Do lado "passado" e "liberdade", (regiões que aparecem interferentes sem se sobreporem, porque a balança tende para o idealismo), o limite do virtual portanto realizável aparece como "eu". "Eu" é a região não ~~absorvível~~ ^{secretável}, embora parcialmente modificável pela pele. Concretamente: existe como limite. "O mundo", (a clássica antítese de "eu"), não aparece como limite. A pele é vista como superfície que pode absorver e modificar o mundo sem limite imposto pelo próprio mundo. O limite é imposto pela minha morte. A pele pulsa entre os limites extrapolados, portanto concretamente inexistentes, do "eu" e da "morte", e o campo da pulsação é o mundo ilimitado. Em outros termos: "eu" e "minha morte" são os limites da pele, mas "mundo" é parte integrante da pele. (Com a ressalva que não há paralelismo perfeito entre "eu" e "minha morte", já que "minha morte" é limite mais nítido que "eu").

O esboço aqui oferecido de um mapa da pele contentou-se, até aqui, com um rápido desenho das costas do continente "pele" e com a inscrição de nomes dos oceanos que banham o continente. Será feita agora a tentativa de inserir alguns acidentes geográficos em tal continente.

VILÉM FLUSSER

Para tanto serão tomados quatro acontecimentos corriqueiros, e a tentativa de inscrevê-los nas coordenadas do mapa servirá de teste da viabilidade do mapa. Os quatro acontecimentos serão estes: (a) "Estou comendo sanduiche de presunto", (b) "estou lendo uma biografia de Julio César", (c) "Estão sentindo dor de fígado", e (d) "Estou escrevendo carta". Tais acontecimentos foram escolhidos mais ou menos ao acaso, mas deve ser confessado que foram excluídos propositadamente acontecimentos do tipo "Estou conversando com meu amigo". O encontro de duas peles, ou mais exatamente: o acontecimento de uma pele em outra, o qual é, obviamente, o acontecimento "par excéllence", exige análise que ultrapassa o escópo do presente trabalho. Exige o en saio seguinte.

(a) Há coincidência, neste caso "feliz", na pele. Do seu interior incide sôbre ela determinada efluência que chamarei "vontade de comer algo", a qual infla a pele em vários pontos. Do seu exterior incide sôbre ela determinada influência que chamarei "comestível". O importante para a captação de tal coincidência "feliz" é o fato que as duas incidências se co-implicam de forma que uma deva o seu caráter à outra. A influência é "comestível" sómente por causa da efluência "vontade de comer", e a efluência é "vontade de comer" sómente por causa da influência "comestível". E a sua coincidência na pele que lhes confere o seu respectivo caráter. (Trata-se de "coincidência" e não de "paralelismo". Sanduiche e fome coincidem, não correm paralelamente. Não há paralelismo psico-físico, mas há coincidência das teorias psicológicas e físicas na superfície concreta da pele. Isto porque "sanduiche" e "fome" são conceitos teóricas, virtuais, antes de coincidirem.)

Graças à tal coincidência "feliz" acontece de um lado "sanduiche de presunto", e do outro "minha decisão de comê-lo". Isto é: em torno da pele e em determinados lugares da pele condensam-se virtualidades para resultarem no fenômeno concreto "estou comendo sanduiche de presunto". A estrutura de tal condensação será imposta ao fenômeno concreto. Portanto: nem o sanduiche nem minha decisão são, ainda, fenômenos concretos. São tendências da pele em pról do fenômeno concreto. Tais tendências têm aspectos extremamente complexos que tem sido bem estudados. Como tais estudos são teóricos, involvendo do lado de lá a ótica, a física dinâmica, a química, a neurologia etc., e do lado de cá a psicologia gestaltica, a do comportamento, a psicanálise etc., serão postos entre parênteses, isto é: supostos.

O fenômeno concreto "estou comendo sanduiche de presunto" se realiza em vários pontos da pele, e principalmente em uma das suas protuberâncias, "minha mão", e em duas brechas, "meus olhos" e "minha boca". E em tais lugares específicos da pele que "eu" me realizo enquanto "comedor de sanduiche", e o "sanduiche" se realiza enquanto "algo que por mim está sendo comido". Mas tal descrição é insuficiente. O "eu" que se realiza na "minha mão" interfere no "eu" que se realiza na "minha boca", mas não co-

VILÉM FLUSSER

incide com ele. O "sanduíche" que se realiza no "meu olho" interfere no "sanduíche" que se realiza na "minha boca", mas não coincide com ele. É que "eu" e "sanduíche" são horizontes do fenômeno concreto, cabides sobre os quais penduramos vários aspectos não inteiramente congruentes do fenômeno concreto. Para analisarmos "eu" e "sanduíche", devemos analisar os vários lugares na superfície da pele, (mão, olho, boca), nos quais os dois cabides teóricos se realizam. Urge uma fenomenologia da pele "in actu".

Não será feita a tentativa de descrever a situação depois de comido o sanduíche de presunto. Basta dizer que tanto o "eu comedor de sanduíche" quanto o "sanduíche por mim comido" são retirados do campo do concreto, (da pele), e voltam para o terreno da teoria. É que a pele, (o campo do concreto), ficou marcada, (cicatrizada), pelo acontecimento "estou comendo sanduíche de presunto". Mas o que importa para o teste da viabilidade do mapa é tentar inscrever o acontecimento nas suas coordenadas. Assim: a "minha presença passiva no mundo" e "minha presença ativa no mundo", (ou, mutatis mutandis: "o mundo dado para mim" e "o mundo a ser por mim modificado") coincidem na minha mão, na minha boca, nos meus olhos etc. para formar o fenômeno concreto "estou comendo sanduíche de presunto". Coincidem por terem sido precedidos de futuros coincidentes, ("sanduíche virtual", e "decisão de comê-lo"), e resultam em passado coincidente, ("no meu feito de um sanduích memorável"). A inscrição do acontecimento no mapa, embora não inteiramente satisfatória, é no entanto possível.

(b) No caso da minha leitura da biografia de Julio César não há tal coincidência "feliz" entre a minha presença ativa e passiva no mundo, o que dificulta a inscrição do acontecimento no mapa. A influência predomina sobre a efluência, e a pele funciona como mediação mais ou menos unívoca entre "mim" e "mundo". O processo, quando despido da sua enorme complexidade, é aproximadamente este: determinada influência, ("livro") incide sobre a pele de fibra, bate contra a efluência "decisão de lê-lo", (que provoca sem ser a sua "explicação" satisfatória), realiza-se enquanto acontecimento concreto "biografia de Julio César lida por mim" na brecha "olho" da minha pele, passa para a virtualidade "minha experiência memorável", mas continua virtual também enquanto "livro legível". O problema para a inscrição do acontecimento no mapa é duplo: antes de se realizar o fenômeno, quando ainda faz parte do meu futuro, ele é "dado", mas apenas se conseguir provocar meu "interesse". Se não provocá-lo, não será "dado" e jamais se realizará concretamente. E depois de se realizar o fenômeno, este se bifurca em passado "memorisável" e em futuro "legível".

O duplo problema se localiza, evidentemente, na especificidade da brecha "olho" da minha pele. Existem excelentes fenomenologias do olho e do olhar, as de Merleau-Ponty e de Bachelard entre outras. Mas o mistério do olho, quando retirado do seu contexto anatômico e inserido no con

VILÉM FLUSSER

texto concreto, continua inviolado. Considerações anatómicas, (por exemplo a constatação que o olho é parte do sistema nervoso central que protrude até a superfície da pele), encobrem o mistério ao procurarem explicá-lo. Porque o sistema central nervoso protrude em tôda a superfície da pele. Há um "eidos" ocular, uma essência do olho e do olhar que se revela apenas sob outro olhar, a saber o olhar da fenomenologia. E como se trata de um esforço do olhar para captar o olhar, e como, por sua essência, o olho é invisível imediatamente, (ao contrário das demais partes da pele que são visíveis), o mistério do olho persiste e desafia a visão da fenomenologia.

No caso sob consideração o problema reside na capacidade misteriosa do olhar de decifrar mensagens codificadas. O olhar dirigido ao sanduíche difere do dirigido ao livro no que tange o significado do olhado. É esta diferença de olhares que é responsável pelo caráter diferente dos dois acontecimentos concretos. Mas dizer isto é dizer pouco. Porque olhar é olhar apenas em função do olhado, e o livro é um olhado que provoca olhar diferente do provocado pelo sanduíche enquanto olhado. E nem dizer isto basta. Porque o olhar é parcialmente autônomo do olhado, e pode decidir-se a lêr o sanduíche e comer o livro. O duplo problema da leitura, (isto é: a sua capacidade de transformar uma mera virtualidade em "dado" e sua capacidade de memorizar um fato concreto sem ultrapassá-lo), não é, portanto, na realidade, problema, mas enigma localizado no olho. As explicações fornecidas pela teoria da comunicação se acrescentam às das demais teorias e podem contribuir para a resolução do problema, mas jamais para a do enigma.

A tentativa de inserir o acontecimento "estou lendo biografia de Julio César" no mapa proposto da pele deve pois respeitar, humildemente, o mistério envolvido. Mas pode fazer o seguinte: o "mundo dado para mim" acontece no meu olho na forma "biografia de Julio César" e lá se realiza no fenômeno concreto "estou lendo a biografia". Realiza-se, por ter a biografia, enquanto virtualidade do meu futuro, provocado meu interesse, ("decisão de lê-la"). E resulta em passado, (leitura por mim feita), e em futuro, (virtual re-leitura). Tal processo é acompanhado de decifração de mensagem, (a vida de Júlio César). A tentativa de inserir tal mensagem no mapa deve ficar suspensa até a elaboração de um mapa mais adequado. A inscrição do acontecimento no mapa, altamente insatisfatória, é no entanto possível.

(c) No caso da minha sensação de dôr de fígado surge dificuldade de inscrição muito diferente. Trata-se da questão de localizar a direção da influência que incide sôbre a pele para realizar o fenômeno concreto. Somos levados por considerações teóricas, ("objetivas"), a afirmar que a dôr de fígado é provocada por sensação que chega à tona do interior da pele,

VILÉM FLUSSER

(do corpo coberto por ela). Devemos resistir a tal tentação com tôdas as nossas forcas. Sob observação concreta a influência "dôr de fígado" não se distingue, quanto à sua direção, das influências "sanduíche" e "livro". Tôdas incidem sôbre a pele daquela região chamada no mapa "meu futuro" e definida lá como sendo exterior à pele. Em outros termos: A observação concreta dos acontecimentos na superfície da pele mostra que "meu corpo" é uma entre as virtualidades que perfazem "meu mundo". Mostra que "fígado" é conceito tão teórico quanto o é "sanduíche" e "livro", e que se concretiza apenas na pele na forma "sinto dôr de fígado". Mostra, com efeito, porque as ciências biológicas fazem parte das ciências da natureza, (do "mundo"), e porque tôda antropologia biologizante é necessariamente coisificante, ("objetiva"). Mostra o abismo que separa o materialismo fascista do marxista: o primeiro procura explicar o "eu" pelo corpo, ("mundo"), o segundo pela pele, (trânsito entre "mundo" e "eu").

A dificuldade no caso considerado consiste na mudança de nossa atitude reclamada no início do presente ensaio. Estamos acostumados a considerar a pele superfície que separa corpo de mundo. Devemos considerá-la, em vez, superfície que separa "eu" de mundo, e devemos considerar o corpo como perfazendo parte do mundo. Na primeira tentativa de mudar de atitude quanto ao corpo, estamos sendo levados a crêr que o corpo é a parte mais próxima do mundo. Que "fígado" é virtualidade mais próxima que "sanduíche". Que o termo "meu" tem ênfase maior em "meu fígado" que em "meu sanduíche". Mas tal suposição não se sustenta sob observação concreta. E surge, imperiosamente, o problema da proximidade enquanto escala de medidas no mapa da pele a ser projetado.

Os estudos de Moles relativos à proximidade são importantes. Mas tratam da proximidade enquanto espaço-tempo que separa o "eu" das "coisas" ("objets") em base do interesse provocado pelas coisas. Trata-se pois de estudo que parte do "eu", e não da tenção dialéctica "pele". E toma pois, implícitamente, "eu" e "coisa" por realidades, e não, como aquí, como horizontes da realidade dialéctica "pele". Devemos pois, na presente tentativa, suspender a "Théorie des objets" molesiana como tôdas as demais teorías.

A observação concreta mostra que "corpo" é conceito extremamente vago, heterogêneo e duvidoso. Contêm ele partes, ("órgãos"), que se localizam em lugares dispersos pelo mapa proposto. O "dedo" deverá ser inserido no mapa como protuberância da pele em direção do mundo, o "olho" como cratera na pele em direção do "eu", o "fígado" como uma das possíveis aventuras do meu futuro, e os "ácidos ribonucléicos" como outra aventura possível, mas bem mais "distante". Do ponto de vista "proximidade" o corpo conterá, considerado assim, partes muito próximas e outras muito afastadas. "Mais ou menos teóricas", se fôr permitida a quantificação do adjetivo "teórico". O problema da inserção do acontecimento "sinto dôr de fígado" se põe em tais coordenadas.

VILÉM FLUSSER

Eis como poderia ser inserido: "o mundo dado para mim" incide sôbre a pele na forma "dôr de fígado" e realiza-se na "minha presença passiva no mundo" para formar o fenômeno cônico "sinto dôr de fígado". É precedido de dois estágios de "futuro": o estágio imediato "dôr de fígado", e o estágio mais distante, (teórico), "fígado". É seguido de duas cicatrizes: uma mais profunda, ("dôr de fígado memorável"), outra mais raze, ("fígado memorável"). Trata-se de acontecimento típico daquela fase da dinâmica da pele denominada "minha presença passiva do mundo", (de sofrimento), já que o "eu" aparece no fenômeno concreto enquanto paciente, não enquanto agente. A inscrição do acontecimento no mapa, embora necessariamente esquemática, é pois satisfatoriamente possível, e permitirá, sucessivamente, a inscrição do corpo no mapa.

(d) A tentativa de inserir o acontecimento "estou escrevendo carta" no mapa é prejudicada pela nossa tendência para a simetria. Somos levados a supor que "estou escrevendo carta" é acontecimento simétrico ao "sinto dôr de fígado", já que um é ativo, outro passivo. Devemos suspender tal preconceito em favor da simetria, como devemos suspender tôdos os preconceitos. (Este ensaio já sugeriu que, sob observação concreta, a balança tende para o lado "idealismo". Tende também para o lado "atividade".) É pois necessário descrever o fenômeno "estou escrevendo carta" sem nenhuma referência ao acontecimento previamente descrito.

No fenômeno predomina determinada tensão que pressiona contra a pele do lado de dentro. Tal tensão parte da região "liberdade" e poderá ser chamada "decisão de articular-me em direção de um outro". A enorme complexidade de tal tensão, por exemplo as várias fases pela qual ela passa antes de realizar-se, ou as várias metas que visa no além da pele, deve ser provisoriamente suspensa. Quando a tensão alcança a pele, provoca extensão da pele rumo ao mundo, chamada "minha mão direita". Por tal extensão se realiza na pele uma virtualidade determinada do mundo: "caneta". Mas, ao realizar-se, a caneta muda de dignidade ótica de maneira revolucionária: passa do meu futuro para o meu presente ativo, e lá se vira contra o meu futuro. De "objeto" passa a "instrumento". Com efeito: passa a ser parte da pele. Parte muito mais próxima que muito "órgão do corpo". O futuro contra o qual a caneta se vira é uma virtualidade chamada "papel de carta". O movimento da caneta sôbre o papel, pelo qual minha decisão de articular-me se realiza, realiza também o papel ao modificá-lo em minha carta. O fenômeno concreto "estou escrevendo carta" é pois realização da minha decisão na forma de um ato meu sobre o mundo dado: papel de carta. E tudo isto acontece na superfície da pele chamada "caneta".

Tal descrição não é, no entanto, suficiente. Porque as aventuras "caneta" e "papel de carta", nas quais o fenômeno se realiza, não apenas possibilitam, mas provocam meu feito. O seu propósito é meu feito. Fazem parte

VILÉM FLUSSER

de uma região do meu futuro específica, chamada "cultura". São aventuras que são "dadas" em sentido diferente dos dados da "natureza". São dadas por outros. Mas tal distinção entre "cultura" e "natureza", sugerida pela descrição do fenômeno "estou escrevendo carta" não convence. O sanduíche é igualmente dado por outrem para ser por mim comido. O livro é igualmente dado por outrem para ser por mim lido. E até o fígado é dado por outrem para que eu sinta a sua dor, já que sei do problema "fígado" apenas graças a outros, (por exemplo graças a livros de anatomia). Sob tal visão surge a famosa noite na qual todas as vacas são cinzentas, (meu futuro todo é "cultura", e não há "natureza"). No entanto, a observação de "caneta" e "papel de carta" no fenômeno "estou escrevendo carta", sugere que tais virtualidades têm caráter diferente das demais, por serem "revolucionalizáveis": a caneta pode ser virada por minha decisão contra o papel, e o papel pode ser virado por minha decisão em direção do receptor da carta. Tal critério de revolucionabilidade permite distinguir entre "cultura" e "natureza" no meu futuro: quanto mais revolucionável uma virtualidade, tanto mais cultural será, e quanto menos, tanto mais natural, (simplesmente "dada"). Tal critério, (admitidamente esquemático), sugere que a diferença entre cultura e natureza é de grau, e não de essência, e que depende da decisão de revolucionar o futuro. E isto permite também distinção entre duas mentalidades, a da direita e a da esquerda. Para a direita o futuro é predominantemente natural, e é predominantemente cultural para a esquerda. Tal critério tem a vantagem adicional que admite ser a realidade não função do futuro, (cultural ou natural de acordo com o futuro), mas função da dialética entre futuro e liberdade, (cultural ou natural de acordo com a coincidência de liberdade e futuro sobre a pele). Mas tal critério tem a desvantagem de utilizar o termo "cultura" com significado diferente dos comumente utilizados.

Pois não há simetria entre os acontecimentos "sinto dor de fígado" e "estou escrevendo carta", porque o primeiro é passivo, e o outro é, embora ativo, marcado por determinada passividade com relação à cultura. Para poder escrever carta devo aceitar o imperativo cultural da caneta "escreva comigo!" e o do papel "escreva sobre mim!". Mas trata-se de passividade carregada de atividade. Devo admitir os imperativos da cultura para poder revolucioná-la. Do contrário não agirei, serei "alienado". De modo que se trata de passividade melhor chamável "paixão" que "sofrimento". Escrever é paixão, e por isto atividade. Sentir dor de fígado é sofrimento. Atividade é pois tenção mais complexa que passividade. Em outros termos: na atividade o "eu" se manifesta mais na flôr da pele que na passividade. Se observo o fenômeno "estou escrevendo carta" vejo melhor que na observação do fenômeno "sinto dor de fígado" o "eu" enquanto horizonte do concreto. No primeiro fenômeno o "eu" surge quase à tona da pele.

VILÉM FLUSSER

A tentativa de inscrever o acontecimento no mapa da pele poderá, depois de tal descrição, tomar a seguinte forma: "minha liberdade" incide sobre a pele na forma "decisão de escrever carta", e alcança "minha presença ativa no mundo". Tal efluência da liberdade provoca as influências "caneta" e "papel de carta" que passam a incidir sobre a "minha presença passiva no mundo", vindas da região do "mundo dado para mim" chamada "cultura". De forma que o fenômeno concreto "estou escrevendo carta" se vai condensando de duas virtualidades: "liberdade" e "cultura". No processo da condensação a virtualidade cultural "caneta" se transforma revolucionariamente em parte da pele, ("minha presença ativa"), e a virtualidade "papel de carta" se desloca revolucionariamente do "mundo dado para mim" para o "mundo a ser por mim modificado". De maneira que o fenômeno concreto tem dois futuros, um interno e outro externo. A realização do fenômeno é uma dinâmica da pele do tipo "meu ato". Por ela a virtualidade "papel de carta" se transforma no "feito passado" "carta escrita por mim" e "minha decisão" se transforma em "carta memorável". De maneira que o fenômeno concreto tem dois passados, duas "cicatrices na pele". Durante a realização do fenômeno o "eu" infla a pele tão evidentemente que se torna quase concreto. Tal inflação pode ser chamada "gesto". E isto permitiria a sucessiva inscrição de gestos enquanto manifestações do "eu" na flôr da pele, isto é: enquanto dinâmica específica da "minha presença ativa", no mapa da pele. A inscrição do acontecimento no mapa, embora muito esquemática, é pois possível.

.-.-.-.-.-

Torna-se necessário, a esta altura do argumento, retornar ao ponto de partida, revêr o seu fluxo, e depois tentar levá-lo à sua meta. A tese do argumento é: a realidade concreta acontece em uma superfície dinamicamente pulsante que se localiza entre "eu" e "mundo", e que foi chamada "pele". O termo "pele" não significa, no presente contexto, exatamente o mesmo que significa na dermatologia, mas significa algo muito próximo ao lá significado. A "pele" assim visada se torna visível se assumirmos a atitude fenomenológica, aqui chamada a da "superficialidade". Partindo de tal tese o argumento se propôs, primeiro, a "definir" a pele enquanto região dos acontecimentos concretos, e constatou que se trata de superfície que se localiza, não entre "eu" e "mundo", mas entre "eu" e "minha morte", e que não há simetria entre os dois horizontes. Em segundo o argumento procurou inscrever vários acontecimentos concretos na região assim definida, e conseguiu fazê-lo com êxito problemático e variável de caso em caso. No início do argumento tinha-se tornado claro que o caminho escolhido, (o "ontológico"), é apenas um entre vários possíveis. A "pele" se tornará visível em sua plenitude apenas se vários caminhos coincidirem sobre ela. De modo que o presente argumento se propôs uma projeção da pele do ponto de vista da ontologia. Um mapa.

VILÉM FLUSSER

Nesta altura do argumento se coloca a questão da utilidade da empreza, a saber: da utilidade de um "atlas da pele". Seria cómodo dizer que tal utilidade já ficou provada no curso do próprio argumento. Por exemplo: que ficou provado que determinados problemas tradicionais aparecem sob nôva luz no mapa proposto. (O problema do corpo, o da relação entre cultura e natureza, o do paralelismo psico-físico, para dar alguns exemplos). Seria cómodo dizer que a utilidade de mapas reside justamente na sua qualidade de instrumento para a orientação em situações complexas, e que tal utilidade é alcançada pela simplificação deliberada introduzida pelo mapa na situação complexa. É que o mapa proposto, ao esquematizar, provou sua utilidade. Mas tal afirmativa serviria apenas a obscurecer o verdadeiro sentido da pergunta pela utilidade do "atlas da pele" aquí sugerido. Porque o que a pergunta demanda não é se o mapa proposto é útil como não importa que outro. O que ela demanda é se o custo do mapa, (evidentemente muito alto em termos de esforço, mas também em termos económicos, conforme se mostrará), compensa a sua utilidade.

Para captar o sentido da pergunta pela utilidade de um tal mapa, é preciso considerar o seguinte. Os mapas tradicionais são projecções planas, (por exemplo os mapas da pele contidas no "Atlas Jacobi"). Mesmo em atlas histórico, (o qual procura orientar no plano e no tempo), os mapas são planos, e procuram superar tal limitação pela sequência linear das páginas do atlas. Mas o atlas da pele aquí proposto não pode, (conforme sugerem os exemplos de inscrição de acontecimentos nele), contentar-se com projecções planas. Não funcionaria, porque não conseguiria armazenar os dados fornecidos pela observação em estrutura tão pobre quanto o é a bidimensionalidade. A pele é um "space-time continuum", embora superfície plana. O mapa da pele deve ter a mesma dimensionalidade, para ser adequado. Pois dispomos de pelo menos dois "media" para a confecção de tal tipo de mapa: videotapes e hologramas. O sentido da pergunta pela utilidade de um tal mapa é este: vale a pena tentar utilizar videotapes e hologramas com tal finalidade?

O seu custo seria grande. Não apenas em termos de material e funcionamento. Mas também pelo fato de sua elaboração exigir a colaboração de toda uma equipe de cientistas, artistas, pensadores e "media manipulators". Empreza comparável em custo apenas às que resultaram na elaboração dos mapas do globo na época dos descobrimentos. A diferença entre as duas emprezas é a que os descobrimentos eram mais perigosos, (embora não necessariamente mais aventureiros). Em compensação a aquí proposta lutaría com a dificuldade da intersubjetividade, muito maior que a da objetividade. Vale apenas isto?

Quem toma a sério as teses husserlianas quanto à necessidade de reformular radicalmente as bases da ciência ocidental responderá afirmativamente. A crise da ciência se manifesta, entre outros fatores, por uma crise dos modelos, (mapas), disponíveis. Os modelos disponíveis são, na sua quase totalidade, projecções de pontos de vista "transcendentes", (objetivan

VILÉM FLUSSER

tes). Tais modelos são pouco úteis para a inserção de dados colhidos pela visão fenomenológica das coisas. Com efeito: os modelos disponíveis não conseguem mais armazenar os dados recolhidos. Daí a nossa desorientação: quanto maior o número de dados disponíveis, tanto mais confusos ficamos. A inflação de informações disponíveis é o lado averso da crise de modelos. Nôvos tipos de modelos não apenas superariam a inflação de informações, mas criariam nova fome de dados, (curiosidade). De maneira que uma das mais óbvias manifestações da crise da ciência ocidental é a sua incapacidade de digerir dados e fornecer mapas da situação na qual estamos.

Isto é patente no caso da pele. Dispomos de um número enorme de dados objetivos quanto a ela, e tais dados não são coordenáveis, por terem sido colhidos por métodos diversos em diversas "profundidades". E a maré dos dados objetivos encobre os dados intersubjetivos colhidos pelo método da fenomenologia. De forma que estamos sendo alienados progressivamente da nossa pele, isto é: do nosso estar-no-mundo. Um nôvo tipo de atlas da pele seria instrumento de orientação no nosso estar presente no mundo, instrumento de desalienação portanto. Se isto fôr conseguido, não importa que custo valeria a pena.

O argumento aqui apresentado não oferece garantia nenhuma do sucesso da empresa. Porque o que o argumento mostrou não foi a possibilidade de se fazer tal atlas, (a sua viabilidade). Isto é problema técnico e escapa à competência do autor destas linhas. Mostrou apenas a vaga direção na qual tentativas em pról de um tal atlas deveriam ser tentadas. Se, pois, o presente argumento tiver algum mérito, seria este: contribuir para a discussão da viabilidade e utilidade de um atlas da pele, o qual é, (e isto sem dúvida), altamente desejável.

Mas desconsiderando tudo isto, uma coisa é clara: acabou a época da reflexão linguística linear no interior de um intelecto isolado. Acabou a época da filosofia no significado tradicional deste termo. Doravante se tornará necessário recorrer a "media" mais ricos que é o discurso, e a colaboração "interface" entre participantes de várias disciplinas. Acabou, por exemplo, a antropologia filosófica, e cederá a métodos de pesquisa e de reflexão vagamente apontados pelo presente ensaio. A filosofia tradicional em geral, e a antropologia filosófica em particular, será superada, num futuro muito próximo, por empresas do tipo aqui proposto. Podemos lamentar este fato, ou podemos regozijar-nos com ele, pouco importa. O que importa é tentarmos encarar o fato. O presente ensaio se quer tentativa de encará-lo.